CARTAS DE AMOR FERNANDO PESSOA

ORGANIZAÇÃO
WALMIR AYALA

CARTAS DE AMOR

CARTAS DE AMOR FERNANDO PESSOA

ORGANIZAÇÃO
WALMIR AYALA

5ª edição
revista



Copyright © 1986, da organização by Walmir Ayala.
© 2011, da coordenação editorial by André Seffrin.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21)3882-8212/8313
www.novafronteira.com.br

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P567c Pessoa, Fernando, 1888-1935.
Cartas de amor / Fernando Pessoa ; organização
Walmir Ayala . – 5.ed. – Rio de Janeiro : Nova
Fronteira, 2011.

ISBN 978-85-209-3386-2

1. Pessoa, Fernando, 1888-1935 – Correspondência.
I. Ayala, Walmir, 1933-1991. II. Título.

CDD 869.6
CDU 821.134.3-6

Sumário

Capa
Ficha catalográfica
Folha de Rosto

Cartas de amor (Walmir Ayala)
Cartas
Cronologia de Fernando Pessoa

Créditos

Cartas de amor

Quem buscar arroubos ou especiais conceitos afetivos, nestas curiosas cartas de amor de Fernando Pessoa dirigidas a Ophélia Queiroz, certamente se decepcionará. Não resta dúvida de que esta relação, esta simpatia amorosa, serviu de veículo a mais uma faceta do plurivalente universo pessoano, já que se tratou de uma troca de declarações entre duas pessoas que se viam quase diariamente, o que tira o conteúdo lógico, ou objetivo, da natureza epistolar. É certo que, entre os que se amam, estes recursos são comuns, uma espécie de detalhe a mais no complexo teor da envolvência amorosa, por si só contraditória, ou sem sentido, ou ridícula (como diria um dos heterônimos de Pessoa, o Álvaro de Campos, num famoso poema). Mas o não ter sentido do amor é talvez sua maior glória, porque a partir disso é inesgotável. Fernando Pessoa é um criador obsessivo, nestas cartas há de ter tido uma intenção literária, e a pessoa de Ophélia teria sido um pretexto para determinada colocação de suas sensações e autoanálises. Não diminuo com isto a presença da interlocutora, já que, desde que escolhida ela e não outra, estava imbuída de uma particular vibração, apta a contaminar o poeta, ou a provocar esta vontade expressiva capaz de iluminar algum escaninho de sua alma.

Debruçando-nos sobre o ensaio de David Mourão-Ferreira, colocado como posfácio da edição completa das referidas cartas (Ática, 1978), veremos uma das elucidações sobre estes

inquietantes textos, apoiando-se principalmente na revelação do conflito entre Fernando Pessoa e Álvaro de Campos, no decurso de uma vivência afetiva que conceitua sobre o real. Em muitos momentos destas cartas, realmente temos a intromissão de Álvaro de Campos, uma das pessoas de Pessoa, o que torna incômoda e por vezes impertinente a invasão, pelo teor geralmente mal-humorado e antissacramental com que projeta farpas no espaço do namoro. Curioso anotar aqui a observação de Jorge de Sena sobre a relação Álvaro de Campos/Ophélia: "[…] e ela sabia que o Álvaro a detestava, sabendo nós que o mesmo Álvaro era quem Pessoa talhara para homossexual do grupo." Teria sido esta inquietação homossexual, presente em muitos momentos da poesia pessoana, que teria consentido na inconveniente entrada de Álvaro de Campos, para o qual "todas as cartas de amor são ridículas".

Coloco-me aqui como um simples leitor e não consigo encontrar o propalado amor nestas cartas de amor. Ao contrário de mim, ouçam o que diz o poeta Carlos Queiroz, na "Carta à memória de Fernando Pessoa": "Porque você amou, Fernando, deixe-me dize-lo a toda a gente. Amou e, — o que é extraordinário —, como se não fosse poeta. Na evidente espontaneidade dessas cartas, que o Destino quis pôr nas minhas mãos, não se encontra um vestígio de premeditação formal, de voluntária intelectualidade." Concordo com a espontaneidade, mas não com a documentação do amor, o que tem sido, através dos tempos, um sinal de exaltação, quando não de perfurante fixação, ou suicida fusão (mesmo em termos de vitalidade), em outros amantes que se trocaram promessas e confidências. Pode não haver nestas cartas de Fernando Pessoa uma unidade literária, um raciocínio sobre o amor, desenvolvido com

coerência e equilíbrio. Mas também não há muito de paixão, quando muito de um sincero e tímido amor que não se concretizou por falta de flama, certamente. Ficou no platonismo, sofreu ruptura, e não culminou nem com o ato, nem com o verbo.

O traço mais original e instigante da análise de David Mourão-Ferreira é certamente o daquela "atmosfera de obsessiva puerilidade", e por aí chegaríamos a uma visão digna do poeta, que, em outros gêneros ou situações, teria dificuldade de iluminar este subterrâneo sobressaltado. Por intermédio de uma jovem namorada, que ele passa a tratar como um "bebé", em várias nuances de denominação similar, ele coloca à tona sua própria infantilidade, e todos sabemos que no infantil pode haver muito de perversidade, de enigma e premonição.

Fernando Pessoa morreu em novembro de 1935, em Lisboa, e foi somente um ano após a sua morte que se tomou conhecimento da existência destas cartas de amor. A primeira referência deu-se em nota da revista *Presença* (julho de 1936) de autoria do poeta Carlos Queiroz, que vinha a ser sobrinho de Ophélia Queiroz, destinatária da correspondência. A revelação do nome da amada de Pessoa deve-se a João Gaspar Simões, que faz referência às cartas, em seu estudo sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa, publicado em 1950. Dona Ophélia Queiroz recusou-se, por sua vez, a divulgar as referidas cartas, num compreensível gesto de privacidade defendida, o que se prolongou pelo período de quatro décadas. De repente estes textos de natureza íntima vêm revelar aquilo que David Mourão-Ferreira definiu como "traços de humor, de bonomia, de ternura, até de surpreendente puerilidade — a par, evidentemente, como já se sabia ou se calculava, de certos registros de diverso teor, tanto mais

comoventes quanto mais espontâneos, tanto mais patéticos quanto mais contidos".

Fernando Pessoa conheceu Ophélia Queiroz no dia em que esta, atendendo a um anúncio de emprego, apresentou-se na firma *Felix, Valladas & Freitas Lda.*, em Lisboa. Um dos sócios da firma, Mário Freitas da Costa, era primo de Fernando Pessoa, que por sua vez colaborava, remunerado ou não, na redação da correspondência, especialmente no que dependia de traduções para o inglês ou o francês. Certamente a jovem, de 19 anos, causou especial impressão no poeta, que influiu na sua admissão e apressou-se em recebê-la no primeiro dia de trabalho. Pelo depoimento de Ophélia, Fernando cumpriu com relativo convencionalismo o ritual do namoro: "O Fernando era muito ciumento, mas não se zangava, não dizia nada; sofria. Não gostava que eu usasse decotes, nem falasse com rapazes. Um dia disse-me: — 'Hoje pela primeira vez tive ciúmes dos olhos do meu primo' — 'Por quê?', perguntei — 'Porque eles viram-te e eu não te vi.'" Note-se o teor adolescente e romântico desta descrição. Era como se Fernando Pessoa estivesse realmente especulando sobre a possibilidade de um casamento convencional, o que Álvaro de Campos viria em muitos momentos a torpedear.

A sequência de cartas hoje conhecidas teve por estopim uma primeira, enviada por Ophélia, por sua vez motivada por um arroubo do poeta que, entre beijos e versos de Shakespeare, traçou uma calorosa declaração de amor numa noite em que faltara luz no escritório. A atitude do poeta, mantendo-se frio e ausente, depois das atitudes antes referidas, chocaram a jovem Ophélia, que resolveu pedir explicações. Tanto o pedido como a resposta poderiam ter sido resolvidos numa simples troca de palavras, mas

estamos em outro tempo, e um dos interlocutores é um raro poeta, do qual não se pode nem se deve esperar atitudes comuns. Ophélia nada mais fez que ativar a veia favorita de Fernando, que não perdeu a deixa nem a oportunidade de montar este estranho *puzzle* de sentimentos, emoções, confissões e revisão de conceitos sobre a vida, alternando o banal com o mistério, montando a lógica e desarmando-a com o humor. Mas o que mais surpreende no namoro de Fernando Pessoa é a incidência na tecla da infância, a troca de impressões infantis sublinhando aspectos mais maduros, a visão permanente de Ophélia como um ser miúdo e frágil, com o qual ele também num retorno gozoso do tempo se identifica. Em seu roteiro sobre a correspondência, conta Ophélia: "Por ser muito pequena e magra, embora os braços e as pernas fossem roliços (tinha uma figura engraçada), e como não me pintava, parecia ainda mais nova do que era realmente. Eu tinha 19 anos quando conheci o Fernando. Fazíamos, portanto, uma diferença de 12 anos." E adiante: "Ele achava-me muita graça. Por ternura, tratava-me por "Bebé", "Bebé pequenino", "Bebezinho", e até me faz alguns versos relacionados exatamente com a minha figura."

Referindo-se a um presente do namorado ela conta: "Um dia, ainda no escritório *Felix, Valladas & Freitas Lda*, levou-me, de presente, uma cadeirinha de bonecas, de palha encarnada, com um palmo de altura, para eu me sentar." Ophélia refere-se ainda a outra expressão curiosa de Pessoa, imaginando a chegada em casa, quando já casados, e o jogo de cabra-cega que se armaria com ele perguntando a um informante imaginário: "Por acaso não vira aí a minha mulher? Então tu apareces, e eu digo: Ah! Estavas aí! És tão pequenina que não te via." Pelas palavras de Ophélia podemos

percorrer um roteiro insólito deste namoro que ela qualifica de "simples", mas que de simples não parece ter nada. Em primeiro lugar, alimentaram-se mais de cartas do que de qualquer outra coisa; em segundo lugar, Fernando Pessoa jamais quis ir à casa de Ophélia; finalmente, o pudor que o poeta remoía, de expor seus sentimentos românticos, repetindo sempre à sua amada: "Não digas a ninguém que nos 'namoramos', é ridículo. Amamo-nos."

Ophélia revela ainda os ataques repentinos e repetidos de paixão de seu amado, forjando situações sobressaltadas, como aquele dia em que ele a empurrou para o vão de uma escada, como quem foge de uma presença indesejável, para pespegar-lhe um longo e apaixonado beijo. Havia também as expressões que a moça considerava despropositadas, como a de chamá-la de "ácido sulfúrico", com um acento de maior paixão. Para completar tão excitante panorama, por vezes quem vinha visitar Ophélia era o heterônimo Álvaro de Campos, que, com a maior desfaçatez, falava mal de Fernando Pessoa. E Ophélia parecia entrar candidamente no jogo, referindo-se aos dois, que eram um só, com palavras de elogio ou reprimenda.

Dito isto vamos à leitura das cartas propriamente ditas, numa seleção que procurei pautar pelo aspecto mais suculento, mais informativo das peculiaridades do poeta e ao mesmo tempo mais demonstrativo da realidade deste namoro/amor/paixão. Para mim importa menos a realidade destas situações, ainda que inevitavelmente construídas sobre o real de um sentimento humano perturbador, pela sinceridade com que policia seu próprio fingimento. "O poeta é um fingidor" — disse ele em poema imortal, e a partir daí toda a imagem sintonizada no tempo passou a ter uma

expressão ambígua, a que se vê e a que está oculta, ambas válidas e grandes, porque, como ele também disse, "tudo vale a pena/se a alma não é pequena". Fingindo ou não, portanto, ou transformando o fingir num patético ato existencial, Fernando Pessoa encontrou em Ophélia, e no amor que brotou deste impacto dual, o pretexto para uma obra instigante e rara, vinda a público sob o título de *Cartas de amor*. Estou certo de que o leitor encontrará motivos de sobra para o prazer intelectual, por vezes ingênuo, nesta leitura de vários andamentos, sempre alimentada de uma lucidez sofrida. Encerro esta introdução com um trecho de uma das cartas, onde tudo se sintetiza na consumação consciente e obsessiva da construção de uma obra de arte. Entre os vários ritmos de carinho, amizade, afeto, paixão, jogo pueril, fantasia e despropósito, ele para e confessa à sua interlocutora:

"De resto, a minha vida gira em torno da minha obra literária — boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário: há coisas, naturalmente, que estimaria ter, outras que tanto faz que venham ou não venham. É preciso que todos, que lidam comigo, se convençam de que sou assim, e que exigir-me os sentimentos, aliás muito dignos, de um homem vulgar e banal, é como exigir-me que tenha olhos azuis e cabelo louro. E estar a tratar-me como se eu fosse outra pessoa não é a melhor maneira de manter a minha afeição."

Walmir Ayala

Cartas

1.3.1920

Ophelinha:

Para me mostrar o seu desprezo, ou, pelo menos, a sua indiferença real, não era preciso o disfarce transparente de um discurso tão comprido, nem da série de "razões" tão pouco sinceras como convincentes, que me escreveu. Bastava dizer-mo. Assim, entendo da mesma maneira, mas dói-me mais.

Se prefere a mim o rapaz que namora, e de quem naturalmente gosta muito, como lhe posso eu levar isso a mal? A Ophelinha pode preferir quem quiser: não tem obrigação — creio eu — de amar-me, nem, realmente necessidade (a não ser que queira divertir-se) de fingir que me ama.

Quem ama verdadeiramente não escreve cartas que parecem requerimentos de advogado. O amor não estuda tanto as coisas, nem trata os outros como réus que é preciso "entalar".

Porque não é franca para comigo? Que empenho tem em fazer sofrer quem não lhe fez mal — nem a si, nem a ninguém —, a quem tem por peso e dor bastante a própria vida isolada e triste, e não precisa de que lha venham acrescentar criando-lhe esperanças falsas, mostrando-lhe afeições fingidas, e isto sem que se perceba com que interesse, mesmo de divertimento, ou com que proveito, mesmo de troça.

Reconheço que tudo isto é cômico, e que a parte mais cômica disto tudo sou eu.

Eu-próprio acharia graça, se não a amasse tanto, e se tivesse tempo para pensar em outra coisa que não fosse no sofrimento que tem prazer em causar-me sem que eu, a não ser por amá-la, o tenha merecido, e creio bem que amá-la não é razão bastante para o merecer. Enfim…

Aí fica o "documento escrito" que me pede. Reconhece a minha assinatura o tabelião Eugénio Silva.

Fernando Pessoa

19.3.1920

às 4 da madrugada

Meu amorzinho, meu Bebé querido:

São cerca de 4 horas da madrugada e acabo, apesar de ter todo o corpo dorido e a pedir repouso, de desistir definitivamente de dormir. Há três noites que isto me acontece, mas a noite de hoje, então, foi das mais horríveis que tenho passado em minha vida. Felizmente para ti, amorzinho, não podes imaginar. Não era só a angina, com a obrigação estúpida de cuspir de dois em dois minutos, que me tirava o sono. É que, sem ter febre, eu tinha delírio, sentia-me endoidecer, tinha vontade de gritar, de gemer em voz alta, de mil coisas disparatadas. E tudo isto não só por influência direta do mal-estar que vem da doença, mas porque estive todo o dia de ontem arreliado com coisas, que se estão atrasando, relativas à vinda da minha família, e ainda por cima recebi, por intermédio de meu primo, que aqui veio às 7 1/2, uma série de notícias desagradáveis, que não vale a pena contar aqui, pois, felizmente, meu amor, te não dizem de modo algum respeito.

Depois, estar doente exatamente numa ocasião em que tenho tanta coisa urgente a fazer, tanta coisa que não posso delegar em outras pessoas.

Vês, meu Bebé adorado, qual o estado de espírito em que tenho vivido estes dias, estes dois últimos dias sobretudo? E não imaginas

as saudades doidas, as saudades constantes que de ti tenho tido. Cada vez a tua ausência, ainda que seja só de um dia para o outro, me abate; quanto mais não havia eu de sentir o não te ver, meu amor, há quase três dias!

Diz-me uma coisa, amorzinho: Porque é que te mostras tão abatida e tão profundamente triste na tua segunda carta — a que mandaste ontem pelo Osório? Compreendo que estivesses também com saudades; mas tu mostras-te de um nervosismo, de uma tristeza, de um abatimento tais, que me doeu imenso ler a tua cartinha e ver o que sofrias. O que te aconteceu, amor, além de estarmos separados? Houve qualquer coisa pior que te acontecesse? Porque falas num tom tão desesperado do meu amor, como que duvidando dele, quando não tens para isso razão nenhuma?

Estou inteiramente só — pode dizer-se; pois aqui a gente da casa, que realmente me tem tratado muito bem, é em todo o caso de cerimônia, e só me vem trazer caldo, leite ou qualquer remédio durante o dia; não me faz, nem era de esperar, companhia nenhuma. E então a esta hora da noite parece-me que estou num deserto; estou com sede e não tenho quem me dê qualquer coisa a tomar; estou meio-doido com o isolamento em que me sinto e nem tenho quem ao menos vele um pouco aqui enquanto eu tentasse dormir.

Estou cheio de frio, vou estender-me na cama para fingir que repouso. Não sei quando te mandarei esta carta ou se acrescentarei ainda mais alguma coisa.

Ai, meu amor, meu Bebé, minha bonequinha, quem te tivesse aqui! Muitos, muitos, muitos, muitos, muitos beijos do teu, sempre teu

Fernando

19.3.1920

às 9 da manhã.

Meu querido amorzinho:

Parece que foi remédio santo o escrever-te o que está acima. A seguir fui-me deitar, sem esperança nenhuma de adormecer, e o fato é que dormi umas 3 ou 4 horas a fio — pouca coisa, mas não imaginas a diferença que me fez. Sinto-me muito mais aliviado, e, embora a garganta ainda arda e esteja inchada, o fato de o estado geral ter assim melhorado quer dizer, creio bem, que a doença vai passando.

Se as melhoras se acentuarem rapidamente, talvez ainda hoje mesmo vá ao escritório, mas sem me demorar muito; e então eu-próprio te entregarei esta carta.

Espero aí poder ir; tenho certas coisas urgentes a tratar que posso dirigir aí do escritório, embora não vá eu em pessoa; mas que daqui me é impossível tratar.

Adeus, meu anjinho bebé. Cobre-te de beijos cheios de saudade o teu, sempre, sempre teu

Fernando

19.3.1920

Meu Bebé pequenino (e atualmente muito mau):

A carta que vai junta é a que mandei ainda agora a tua casa pelo Osório. Espero poder entregar-te as duas amanhã, indo esperar-te à saída do escritório Dupin.

Sobre a informação, que te deram a meu respeito, não só quero repetir que é inteiramente falsa, como também dizer-te que a "pessoa de respeito", que deu essa informação a tua irmã, ou inventou por completo, e, sobre ser mentirosa, é doida; ou essa pessoa nem sequer existe, e foi tua irmã que a inventou — não digo que inventou a pessoa, mas que inventou que determinada pessoa lhe disse uma coisa que ninguém lhe disse.

Olha, amorzinho: é sempre mau, nessas coisas, julgar que os outros não passam de parvos.

Sobre essa "pessoa", e o que dela me disseste (naturalmente porque to tinham dito), terei dois detalhes: (1) que essa pessoa sabe que eu gosto de ti, (2) que "sabe" que não é com ideias sérias que gosto de ti.

Ora, comecemos por uma coisa: *não há quem saiba se eu gosto de ti ou não*, porque eu não fiz de ninguém confidente sobre o assunto. Partamos do princípio que essa "pessoa respeitável" não "saiba", mas calcule que eu gosto de ti. Como há-de haver uma base para calcular isso, é que essa pessoa viu entre nós qualquer troca de olhares,

notou entre nós (ou, antes, neste caso, de mim para ti) qualquer coisa. Quer dizer que é pessoa aqui do escritório, ou que aqui vem bastante, ou, ainda, que recebe informações de quem aqui vem bastante. Mas, para poder, ainda que por informações alheias, afirmar que (*sic*)

que na verdade eu gosto de ti, essa pessoa, não sendo nenhuma que aqui venha ao escritório, só pode ser alguém ou da família de meu primo (a quem ele tivesse falado das "suspeitas" que tem de vez em quando de eu (*sic*) gosto de ti) ou da família do Osório.

Isto são tudo suposições, e mesmo esta de ser uma pessoa da família de gente cá do escritório, é levar muito longe a tolerância para uma afirmação como a de essa pessoa saber que eu gosto de ti.

Se já quase ninguém há (ninguém que o saiba por confidência minha, quase ninguém que o "calcule" de qualquer modo) que possa saber ao certo se eu te amo; menos há — aí então não há ninguém — que seja capaz de dizer que eu não te amo com ideias sérias. Para isso era preciso estar dentro de meu coração, e, ainda assim, era preciso ver mal, pois o que se via era asneira.

Quanto à afirmação da "mulher" que eu tenho, se não é inventada por ti para te arredares de mim, faz à pessoa respeitável (se ela existe) que informou tua irmã as seguintes perguntas:

1. Que mulher é?
2. Onde é que eu vivi ou vivo com ela, onde é que a vou ver (se nos supõem dois amantes vivendo em casas separadas), há quanto tempo tenho eu essa mulher?
3. Outras quaisquer informações indicando ou definindo essa "mulher".

Se toda a história não é invenção tua, garanto-te que dás com uma "retirada" imediata da pessoa que informou, a "retirada" de todos quantos são apanhados a mentir. E se a dita "pessoa respeitável" tiver o descaramento de dar detalhes, basta tu verificá-los, investigá-los. Verás que são mentiras, do princípio ao fim.

Ah, o que isto tudo é é um enredo qualquer — muito infame, mas, como muitas coisas infames, muito estúpido — para me afastar de ti! De quem partirá o enredo? Ou não haverá enredo nenhum, e será isto simplesmente um pé que tu arranjas para te veres livre de mim? Sei lá… Suponho tudo; tenho o direito de supor tudo.

Mas francamente eu merecia ser mais bem-tratado pelo Destino do que estou sendo — pelo Destino, e pelas pessoas.

Vamos ver se consigo que esta carta te vá parar às mãos ainda hoje, sob qualquer pretexto. Se não, entregar-ta-ei amanhã, quando aqui nos encontrarmos, ao meio-dia e meia hora.

Lê bem a carta junta, que te escrevi hoje de madrugada e se desencontrou contigo, pois o Osório a levou quando aqui vieste. Vê o que é escrever uma carta, e depois receber a série de notícias e "graças" que me deste.

p.s. Afinal qual é a verdade no meio de tudo isto? Começo a desconfiar de tudo e de todos.

Como foi isso de não ires… e depois ires… para o Dupin? Como é que *de repente* foste fazer confidências a tua irmã?

Começo a não perceber bem…

Começo a não saber ao certo o que pensar.

F.

p.s2. Mais uma coisa: se a tal "pessoa respeitável" existe (o que duvido), vê que *fins pessoais* poderá ter para me afastar de ti. Vê se

não haverá, quando menos, *fins de amizade para com qualquer outro pretendente teu*. Mas essa "pessoa respeitável" deve ser parenta do snr. Crosse, com certeza — quanto à existência real. — Amanhã cá te espero no escritório à hora combinada.

Ah, meu amor, meu amor: serás tu que me queres fugir para sempre, ou alguém que não quer que nós nos amemos?

Teu, sempre teu

Fernando

Meu Bebé, meu Bebezinho querido:

Sem saber quando te entregarei esta carta, estou escrevendo em casa, hoje, domingo, depois de acabar de arrumar as coisas para a mudança de amanhã de manhã. Estou outra vez mal da garganta; está um dia de chuva; estou longe de ti — e é isto tudo o que tenho para me entreter hoje, com a perspectiva da maçada da mudança amanhã, com chuva talvez e comigo doente, para uma casa onde não está absolutamente ninguém. Naturalmente (a não ser que esteja já inteiramente bom e arranje as coisas de qualquer modo), o que faço é ir pedir guarida cá na Baixa ao Marianno Sant'Anna, que, além de ma dar de bom grado, me trata da garganta com competência, como fez no dia 19 deste mês quando eu tive a outra angina.

Não imaginas as saudades de ti que sinto nestas ocasiões de doença, de abatimento e de tristeza. O outro dia, quando falei contigo a propósito de eu estar doente, pareceu-me (e creio que com razão) que o assunto te aborrecia, que pouco te importavas com isso. Eu compreendo bem que, estando tu de saúde, pouco te rales com o que os outros sofrem, mesmo quando esses "outros" são, por exemplo, eu, a quem tu dizes amar. Compreendo que uma pessoa doente é maçadora, e que é difícil ter carinhos para ela. Mas eu pedia-te apenas que *fingisses* esses carinhos, que *simulasses* algum interesse por mim. Isso, ao menos, não me magoaria tanto como a

mistura do teu interesse por mim e da tua indiferença pelo meu bem-estar.

Amanhã e depois, com as duas mudanças e a minha doença, não sei quando te verei. Conto ver-te à hora indicada amanhã — às 8 da noite ou de aí em diante. Quero ver, porém, se consigo ver-te ao meio-dia (embora isso me pareça difícil), pois às 8 horas quem está como eu deve estar deitado.

Adeus, amorzinho, faz o possível por gostares de mim a valer, por sentires os meus sofrimentos, por desejares o meu bem-estar; faz, ao menos, por o fingires bem.

Muitos, muitos beijos, do teu, sempre teu, mas muito abandonado e desolado

20(?)/3/1920

Fernando

Meu Bebé pequeno e rabino:

Cá estou em casa, sozinho, salvo o intelectual que está pondo o papel nas paredes (pudera! havia de ser no teto ou no chão!); e esse não conta. E, conforme prometi, vou escrever ao meu Bebezinho para lhe dizer, pelo menos, que ela é muito má, exceto numa coisa, que é na arte de fingir, em que vejo que é mestra.

Sabes? Estou-te escrevendo mas *não estou pensando em ti*. Estou pensando nas saudades que tenho do meu tempo da *caça aos pombos*; e isto é uma coisa, como tu sabes, com que tu não tens nada…

Foi agradável hoje o nosso passeio — não foi? Tu estavas bem-disposta, e eu estava bem-disposto, e o dia estava bem-disposto também (O meu amigo, não. A.A. Crosse: está de saúde — uma libra de saúde por enquanto, o bastante para não estar constipado).

Não te admires de a minha letra ser um pouco esquisita. Há para isso duas razões. A primeira é a de este papel (o único acessível agora) ser muito corredio, e a pena passar por ele muito depressa; a segunda é a de eu ter descoberto aqui em casa um vinho do Porto esplêndido, de que abri uma garrafa, de que já bebi metade. A terceira razão é haver só duas razões, e portanto não haver terceira razão nenhuma. (Álvaro de Campos, engenheiro).

Quando nos poderemos nós encontrar a sós em qualquer parte, meu amor? Sinto a boca estranha, sabes, por não ter beijinhos há

tanto tempo… Meu Bebé para sentar ao colo! Meu Bebé para dar dentadas! Meu Bebé para…

(e depois o Bebé é mau e bate-me…) "Corpinho de tentação" te chamei eu; e assim continuarás sendo, mas longe de mim.

Bebé, vem cá; vem para o pé do Nininho; vem para os braços do Nininho; põe a tua boquinha contra a boca do Nininho… Vem… Estou tão só, *tão só de beijinhos*…

Quem me dera ter a certeza de tu teres saudades de mim *a valer*. Ao menos isso era uma consolação… Mas tu, se calhar, pensas menos em mim que no rapaz do gargarejo, e no D.A.F. e no guarda-livros da C.D.&C.! Má, má, má, má, má…!!!!!

Açoites é que tu precisas.

Adeus; vou-me deitar dentro de um balde de cabeça para baixo para descansar o espírito. Assim fazem todos os grandes homens — pelo menos quando têm — 1º espírito, 2º cabeça, 3º balde onde meter a cabeça.

Um beijo só durando todo o tempo que ainda o mundo tem que durar, do teu, sempre e muito teu

5.4.1920

Fernando (Nininho)

Segunda carta

Querido Bebezinho do Ibis:

A carta, que te escrevi ainda agora e que já deitei no correio, não contém, como no fim dela te disse, tudo quanto eu te queria escrever. O caso é que, quando eu ia quase no fim (felizmente não foi antes) apareceu o primo no Café Arcada, onde eu estava escrevendo, e onde estou, também, escrevendo esta. Tive que interromper a carta, e fiquei irritado — não com ele, é claro, que estava longe de ter culpa, até tinha ficado de aparecer a essa hora (seis), mas com o Destino, que combinara assim tão mal as coisas.

Como nessa carta te digo, eu tinha que estar de volta na Baixa às 9 horas. Pois, com a demora do meu primo a falar comigo, dentro em pouco era um quarto para as sete; ele saiu, acabei a tua carta à pressa, deitei-a no correio… e lembrei-me nessa altura que tinha que ir fazer a barba.

Resultado: não tenho tempo para ir a casa jantar e estar de volta na Baixa às 9 horas. Por isso voltei ao Arcada para comer qualquer coisa; é do "Arcada" que te estou a escrever.

Bebezinho meu: o que eu te queria dizer na outra carta, e não tive tempo, mas que te digo nesta, é isto, e peço que aprendas bem a lição, e, se me tens amor, que escutes este conselho:

O Destino é uma espécie de pessoa, e deixa de nos ralar se mostrarmos que nos não importamos com o que ele nos faz. Por

isso tu deves ter a força de vontade de *só pensar isto*: gosto do Fernando, *não há mais nada*.

O rapaz, e o que ele diz, trata com desprezo, mas com desprezo autêntico e verdadeiro: não penses nele. Achas difícil? Não admira, porque és muito nova; mas não serás capaz, *pedindo-te eu*, de concentrar o teu espírito numa atitude de indiferença por tudo quanto não seja o teu Nininho? Se não puderes fazer isto, não sabes amar ainda.

Bem sei: apoquentam-te por todos os lados, ralam-te, cansam-te. *Toma conta de ti mesma* (percebes?) e não olhes a nada disso.

Gostas de mim, do Ibis, do Nininho?

Eu sou muito nervoso, mas tenho já o espírito educado ao ponto de receber com sangue-frio o pior e o mais complicado. Se eu fosse dez anos — que digo eu? basta *dois* anos — mais novo, ficava todo atrapalhado com o que me contaste.

Fiquei apoquentado por tua causa, mas *por mim* não imaginas como estou calmo, tranquilo, *em ordem* dentro da minha cabeça. E gosto imenso de ti, Bebé, acredita; não quer isto dizer que eu te não ame; quer dizer que, nisto tudo, ligo só importância a ti e a mim, não me importando o resto para nada.

Tu és capaz de me fazer um favor? É procurares estar calma, ter desprezo, ter indiferença. Tu estás dando ao rapaz um prazer imenso. Olha: de mim não tira ele prazer nenhum…

Amanhã hei-de ver-te. O natural é que vá ter a Belém durante a tua hora de almoço — um pouco do meio-dia em diante. Mas procurarei estar em Santos à hora da tua ida, para combinar contigo.

Não imaginas. Tenho positivamente uma sensação de alegria. É que me estorvam; e eu não desgosto que me estorvem, para eu

remover os obstáculos.

Limpa as lágrimas, Bebé mau! Tens hoje do teu lado o meu velho amigo Álvaro de Campos, que em geral tem sido só contra ti. Alegra-te! Só vale a pena o que se consegue com esforço.

Mil beijinhos, beijos e chi-corações do teu, sempre teu

Fernando

28/5/1920

p.s. Pode ser que, por qualquer razão contra a minha intenção, eu não possa aparecer de manhã. Nesse caso espera-me em Belém *logo depois do meio-dia*. Espreita o meu aparecimento e sobe para me falar. Não é natural que teu pai esteja, não é verdade? — Quanto ao rapaz, pode estar à vontade, que isso não tem importância.

F.

Meu Bebezinho querido:

Então o meu Bebé não ficou ontem descontente com o Ibis? Então ontem achou o Ibis meigo e digno de jinhos? Ainda bem, porque o Ibis não gosta que a Nininha fique zangada, ou triste com ele, porque o Ibis, e mesmo o Álvaro de Campos, gosta muito, muito do seu Bebezinho.

Olha, Nininha: hoje estou muito aborrecido; não é bem o que se chama maldisposto, mas apenas o que se chama *aborrecido*. Hoje sentir-me-ia muito melhor se pudesse contar com ir logo a ver a Nininha, e vir para baixo de Belém com ela, e sem o Álvaro de Campos; que ela, naturalmente, não gostaria que esse distinto engenheiro aparecesse.

Nininha do Ibis, eu estou muito aborrecido; principalmente, porque as coisas da minha vida, o que tenho preparado e estudado para uma, e mesmo mais que uma, empresa, se me está atrasando tudo. Não digo que esteja correndo mal; está simplesmente atrasado, *não corre* nem de um modo nem de outro, nem mal nem bem.

Depois, entre os rapazes com quem me dou, e a quem esta empresa, ou estas empresas, interessariam tanto como a mim interessam, não encontro apoio nenhum; quero dizer, não encontro vontade nenhuma de conjugarem os seus esforços com os meus para a realização dessas ideias. Querem, em geral, que eu faça tudo — que eu, além de ter as ideias e indicar a maneira de organizar, me

ocupe também de arranjar os capitais, e de fazer quanto mais é preciso para pôr a empresa em marcha. Eles depois só apareceriam para ter lugares na empresa, o que é realmente cômodo, mas não representa grande camaradagem.

Ora, realmente, nestas coisas, cada um deve ter o seu papel marcado. Eu, com a organização da ideia, e com os estudos para a montagem da empresa, cumpri o meu papel, e não fiz pouco, pois fiz o principal, que é arranjar as bases para o trabalho. Querem que eu faça todo o resto também, é como querer que o mesmo indivíduo, num escritório, seja chefe do escritório, guarda-livros, datilógrafo, e praticante para levar as cartas.

Não sei se estas coisas, te interessam, filhinha. Se tas digo, é para, de certo modo, dizendo-as, aliviar um pouco o meu mal-estar. Naturalmente maço-te com isto tudo; mas, afinal, são coisas que sempre têm alguma coisa que ver com o teu futuro, porque têm que ver com o meu.

Não quero com isto dizer que eu esteja em qualquer coisa como o que se chama uma *situação aflitiva*. Não:

quem tem casa e família, não pode estar em uma situação dessas. O mal está em sentir a vida parada, e é mais relativo ao futuro que ao presente, ou, antes, só ao presente por causa do futuro.

Eu sei bem que esta situação se resolverá, e sei, tão bem como o tal homem das cartas que me atribuiu um futuro próspero, que na verdade terei um futuro próspero, assim como que esse futuro próspero não começará — não digo em plena, mas pelo menos em relativa, prosperidade — daqui a muito tempo.

Há momentos, dias, porém, em que desanimo mais; e o dia de hoje é um desses dias, e o momento atual um desses momentos.

Hoje, na verdade, tinha imensa vontade de falar contigo, não para te maçar com estas coisas, mas para te ver e, estando ao pé de ti, me sentir mais tranquilo.

Enfim, amorzinho, fica para amanhã. Lá estarei pelas 5 horas.

Muitos e muitos beijos do teu, muito e cada vez mais teu

Fernando

11/6/1920

Querida Ibis:

Desculpa o papel impróprio em que te escrevo; é o único que encontrei na pasta, e aqui no Café Arcada não tem papel. Mas não te importas não?

Acabo de receber a tua carta com o postal, que acho muito engraçado.

Ontem foi — não é verdade? — uma coincidência engraçadíssima o fato de eu e minha irmã irmos para a Baixa exatamente ao mesmo tempo que tu. O que não teve graça foi tu desapareceres, apesar dos sinais que eu te fiz. Eu fui apenas deixar minha irmã ao Avda. Palace, para ela ir fazer umas compras e dar um passeio com a mãe e a irmã do rapaz belga que aí está. Eu saí quase imediatamente, e esperava encontrar-te ali próximo para falarmos. Não quiseste. Tanta pressa tiveste de ir para casa de tua irmã!

E, ainda por cima, quando saí do hotel, vejo a janela de casa de tua irmã armada em camarote (com cadeiras suplementares) para o espetáculo de me ver passar! Claro está que, tendo visto isto, segui o meu caminho como se ali não estivesse ninguém. Quando eu pretendesse ser palhaço (para o que, aliás, o meu feitio natural pouco serve) oferecia-me diretamente ao Coliseu. Era o que faltava agora! Que eu tolerasse a brincadeira de ser dado *en spectacle* para a família!

Se não havia maneira de evitares estares à janela com 148 pessoas, não estivesses. Já que não quiseste esperar-me ou falar-me,

ao menos tivesses a cortesia — já que não podias aparecer *só* à janela — *de não aparecer*.

Ora eu não posso estar a explicar-te estas coisas. Se o teu coração (supondo a existência desse senhor) ou a tua intuição te não ensinam instintivamente estas coisas, eu, por mim, não posso constituir-me em teu professor delas.

Quando me dizes que o que mais desejas é que eu case contigo, é pena que me não expliques que tenho ao mesmo tempo que casar com tua irmã, teu cunhado, teu sobrinho e não sei quantas freguesas da tua irmã.

Sempre e muito teu

Fernando

31/7/1920

Esta carta foi escrita no esquecimento de que tu costumas mostrar as minhas cartas a toda a gente. Se me tivesse lembrado disso — acredita — eu te-la-ia suavizado um pouco. Mas agora já é tarde; não importa. De resto nada importa.

F.

Bebezinho:

Tens mais que milhares — tens milhões — de razões para estares zangada, irritada, ofendida comigo. Mas a culpa mal tem sido minha; tem sido daquele Destino que acaba de me condenar o cérebro, não direi definitivamente, mas, pelo menos, a um estado que exige um tratamento cuidado, como não sei se poderei ter.

Tenciono (sem aplicar agora o célebre decreto de 11 de Maio) ir para uma casa de saúde para o mês que vem, para ver se encontro ali um certo tratamento que me permita resistir à onda negra que me está caindo sobre o espírito. Não sei o resultado do tratamento — isto é, não antevejo bem qual possa ser.

Nunca esperes por mim; se te aparecer será de manhã, quando vais para o escritório, no Poço Novo.

Não te preocupes.

Afinal o que foi? Trocaram-me pelo Álvaro de Campos!

Sempre muito teu

Fernando

15/10/1920

Ophelinha:

Agradeço a sua carta. Ela trouxe-me pena e alívio ao mesmo tempo. Pena, porque estas coisas fazem sempre pena; alívio, porque, na verdade, a única solução é essa — o não prolongarmos mais uma situação que não tem já a justificação do amor, nem de uma parte nem de outra. Da minha, ao menos, fica uma estima profunda, uma amizade inalterável. Não me nega a Ophelinha outro tanto, não é verdade?

Nem a Ophelinha, nem eu, temos culpa nisto. Só o Destino terá culpa, se o Destino fosse gente, a quem culpas se atribuíssem.

O Tempo, que envelhece as faces e os cabelos, envelhece também, mas mais depressa ainda, as afeições violentas. A maioria da gente, porque é estúpida, consegue não dar por isso, e julga que ainda ama porque contraiu o hábito de se sentir a amar. Se assim não fosse, não havia gente feliz no mundo. As criaturas superiores, porém, são privadas da possibilidade dessa ilusão, porque nem podem crer que o amor dure, nem, quando o sentem acabado, se enganam tomando por ele a estima, ou a gratidão, que ele deixou.

Estas coisas fazem sofrer, mas o sofrimento passa. Se a vida, que é tudo, passa por fim, como não hão-de passar o amor e a dor, e todas as mais coisas, que não são mais que partes da vida?

Na sua carta é injusta para comigo, mas compreendo e desculpo; decerto a escreveu com irritação, talvez mesmo com mágoa, mas, a maioria da gente — homens ou mulheres — escreveria, no seu caso,

num tom ainda mais acerbo, e em termos ainda mais injustos. Mas a Ophelinha tem um feitio ótimo, e mesmo a sua irritação não consegue ter maldade. Quando casar, se não tiver a felicidade que merece, por certo que não será sua a culpa.

Quanto a mim…

O amor passou. Mas conservo-lhe uma afeição inalterável, e não esquecerei nunca — nunca, creia — nem a sua figurinha engraçada e os seus modos de pequenina, nem a sua ternura, a sua dedicação, a sua índole amorável. Pode ser que me engane, e que estas qualidades, que lhe atribuo, fossem uma ilusão minha; mas nem creio que fossem, nem, a terem sido, seria desprimor para mim que lhas atribuísse.

Não sei o que quer que lhe devolva — cartas ou que mais. Eu preferia não lhe devolver nada, e conservar as suas cartinhas como memória viva de um passado morto, como todos os passados; como alguma coisa de comovedor numa vida, como a minha, em que o progresso nos anos é par do progresso na infelicidade e na desilusão.

Peço que não faça como a gente vulgar, que é sempre reles; que não me volte a cara quando passe por si, nem tenha de mim uma recordação em que entre o rancor. Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde a infância, que se amaram um pouco quando meninos, e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do seu amor antigo e inútil.

Que isto de "outras afeições" e de "outros caminhos" é consigo, Ophelinha, e não comigo. O meu destino pertence a outra Lei, de

cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam.

Não é necessário que compreenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha.

Fernando

29/XI/1920

Pequenina:

Gostei muito da sua carta, mas gostei ainda mais do que veio antes da carta, que foi a sua própria pessoa. Enfim, a viagem entre o Rossio e a Estrela, que não costuma ser uma coisa muito transatlântica de beleza, foi ontem duas vezes agradável, salvo no fim da segunda vez, porque, por ontem, acabou ali. Se tivesse sido, em vez de transatlântica, transvidiana (curiosa e inexplicável expressão!) teria sido preferível até ao preferível a tudo que foi. É exatamente isto que me pergunta, e a que respondo.

Não sei escrever cartas grandes. Escrevo tanto por obrigação e por maldição, que chego a ter horror a escrever para qualquer fim útil ou agradável.

Prefiro falar, porque, para falar é preciso estar-se presente — ambos presentes, salvo nesse caso infame do telefone, onde há vozes sem caras.

Se um dia qualquer, por um daqueles lapsos em que é sempre agradável cair de propósito, nos encontrássemos e tomássemos por engano o carro do Lumiar ou do Poço do Bispo (35 minutos), haveria mais tempo para estarmos encontrando-nos ao acaso.

No Domingo, ou seja amanhã, telefono-lhe, mas não creio que passe aí pela Praça do dramaturgo. Não é que não possa, mas é que não acho graça a quarenta e um metros de distância (da esquina da Avenida à janela da sua casa). Confio que possa vê-la e falar-lhe. E se eu lhe telefonasse hoje mesmo? Talvez telefone.

Pronto. Quase duas páginas de maçada. Mas ainda ganha… A maçada será sua, mas a tristeza fica comigo.

Estas palavras são de um indivíduo, que, aparte ser P pessoa (*sic*), se chama preliminarmente

Fernando

14/9/1929

Ora a minha Vespa, ...

Ora a minha Vespa, que aliás será vespa mas não é minha, vai-me dizer o que lhe há-de escrever, que lhe seja agradável, uma criatura cuja inteligência caiu algures na Rua do Ouro, cuja lucidez ficou debaixo de um caminhão ao virar para a Rua de S. Nicolau e o resto exatamente.

A minha (?) pequena Vespa gosta realmente de mim? Porque é que tem esse gosto estranho pelas pessoas de idade? Na sua carta diz que lhe custa a aturar umas tias, que aliás o não são, de 80 e tal e 50 e também; então como quer pretender que atura de bom grado uma criatura de idade semelhante e que nem sequer pode ser tia, pois, salvo melhor opinião, para essa profissão costuma ser indispensável ser mulher. Quando se é tia, é claro, tem que se ser duas mulheres, ou mais. Ora eu, até agora, consegui ser apenas um tio, mas só da minha sobrinha, que (é curioso) me trata por "tio Fenando" pelas circunstâncias (1ª) já exposta, de eu ser tio dela, (2ª) de eu me chamar (recorda-se?) Fernando, (3ª) de ela não pronunciar a letra R.

Visto que diz que me não quer ver e que lhe custa querer não me querer ver, e que quer que eu lhe telefone, porque ao menos telefonar é não estar presente, e que lhe escreva porque escrever é estar a distância, então, Vespa que não é minha, eu telefonei-lhe já

e estou lhe escrevendo, ou, posso dizer, já lhe escrevi, pois vou acabar aqui mesmo.

Estou preparando a pasta preta para a levar nela. Ouviu?

Queria ir, ao mesmo tempo, à Índia e a Pombal. Curiosa mistura, não é verdade? Em todo o caso é só parte da viagem.

Recorda-se desta geografia, Vespa vespíssima?

Fernando

24/9/1929

Exma. Senhora D. Ophelia Queiroz:

Um abjeto e miserável indivíduo chamado Fernando Pessoa, meu particular e querido amigo, encarregou-me de comunicar a V. Ex.ª — considerando que o estado mental dele o impede de comunicar qualquer coisa, mesmo a uma ervilha seca (exemplo da obediência e da disciplina) — que V. Ex.ª está proibida de:

(1) pesar menos gramas,
(2) comer pouco,
(3) não dormir nada,
(4) ter febre,
(5) pensar no indivíduo em questão.

Pela minha parte, e como íntimo e sincero amigo que sou do meliante de cuja comunicação (com sacrifício) me encarrego, aconselho V. Ex.ª a pegar na imagem mental, que acaso tenha formado do indivíduo cuja citação está estragando este papel razoavelmente branco, e deitar essa imagem mental na pia, por ser materialmente impossível dar esse justo Destino à entidade fingidamente humana a quem ele competiria, se houvesse justiça no mundo.

Cumprimenta V. Ex.ª

Álvaro de Campos

eng. Naval

25/9/1929

ABEL

Ophelinha pequena:

Como não quero que diga que eu não lhe escrevi, por efetivamente não ter escrito, estou escrevendo. Não será uma linha, como prometi, mas não serão muitas. Estou doente, principalmente por causa da série de preocupações e arrelias que tive ontem. Se não quer acreditar que estou doente, evidentemente não acreditará. Mas peço o favor de me não dizer que não acredita. Bem me basta estar doente; não é preciso ainda vir duvidar disso, ou pedir-me contas da minha saúde como se estivesse na minha vontade, ou eu tivesse obrigação de dar contas a alguém de qualquer coisa.

O que lhe disse de ir para Cascais (Cascais quer dizer um ponto qualquer fora de Lisboa, mas perto, e pode querer dizer Sintra ou Caxias) é rigorosamente verdade: verdade, pelo menos, quanto à intenção. Cheguei à idade em que se tem o pleno domínio das próprias qualidades, e a inteligência atingiu a força e a destreza que pode ter. É pois a ocasião de realizar a minha obra literária, completando umas coisas, agrupando outras, escrevendo outras que estão por escrever. Para realizar essa obra, preciso de sossego e um certo isolamento. Não posso, infelizmente, abandonar os escritórios onde trabalho (não posso, é claro, porque não tenho rendimentos), mas posso, reservando para o serviço desses escritórios dois dias da semana (quartas e sábados), ter de meus e para mim os cinco dias restantes. Aí tem a célebre história de Cascais.

Toda a minha vida futura depende de eu poder ou não fazer isto, e em breve. De resto, a minha vida gira em torno da minha obra literária — boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário: há coisas, naturalmente, que estimaria ter, outras que tanto faz que venham ou não venham. É preciso que todos, que lidam comigo, se convençam de que sou assim, e que exigir-me os sentimentos, aliás muito dignos, de um homem vulgar e banal, é como exigir-me que tenha olhos azuis e cabelo louro. E estar a tratar-me como se eu fosse outra pessoa não é a melhor maneira de manter a minha afeição. É preferível tratar assim quem seja assim, e nesse caso é "dirigir-se a outra pessoa" ou qualquer frase parecida.

Gosto muito — mesmo muito — da Ophelinha. Aprecio muito — muitíssimo — a sua índole e o seu caráter. Se casar, não casarei senão consigo. Resta saber se o casamento, o lar (ou o que quer que lhe queiram chamar) são coisas que se coadunem com a minha vida de pensamento. Duvido. Por agora, e em breve, quero organizar essa vida de pensamento e de trabalho meu. Se a não conseguir organizar, claro está que nunca sequer pensarei em pensar em casar. Se a organizar em termos de ver que o casamento seria um estorvo, claro que não casarei. Mas é provável que assim não seja. O futuro — e é um futuro próximo — o dirá.

Ora aí tem, e, por acaso é a verdade.

Adeus, Ophelinha. Durma e coma, e não perca gramas.

Seu muito dedicado,

Fernando

29/9/1929

Domingo

9.10.1929

Terrível Bebé:

Gosto das suas cartas, que são meiguinhas, e também gosto de si, que é meiguinha também. E é bombom, e é vespa, e é mel, que é das abelhas e não das vespas, e tudo está certo, e o Bebé deve escrever-me sempre, mesmo que eu não escreva, que é sempre, e eu estou triste, e sou maluco, e ninguém gosta de mim, e também porque é que havia de gostar, e isso mesmo, e torna tudo ao princípio, e parece-me que ainda lhe telefono hoje, e gostava de lhe dar um beijo na boca, com exatidão e gulodice, e comer-lhe a boca e comer os beijinhos que tivessem lá escondidos e encostar-me ao seu ombro e escorregar para a ternura dos pombinhos, e pedir-lhe desculpa, e a desculpa ser a fingir, e tornar muitas vezes, e ponto final até recomeçar, e porque é que a Ophelinha gosta de um meliante e de um cevado e de um javardo e de um indivíduo com ventas de contador de gás e expressão geral de não estar ali mas na pia da casa ao lado, e exatamente, e enfim, e vou acabar porque estou doido, e estive sempre, e é de nascença, que é como quem diz desde que nasci, e eu gostava que a Bebé fosse uma boneca minha, e eu fazia como uma criança, despia-a, e o papel acaba aqui mesmo, e isto parece impossível ser escrito por um ente humano, mas é escrito por mim

Fernando

Cronologia de Fernando Pessoa

1888 – Nasce Fernando António Nogueira Pessoa a 13 de junho, filho de Maria Magdalena Pinheiro Nogueira e Joaquim de Seabra Pessoa. O pai era funcionário público e crítico de música. No dia 21 de julho do mesmo ano é batizado.

1889 – Data de "nascimento" de Alberto Caeiro.

1890 – Data de "nascimento" de Álvaro de Campos.

1893 – Nasce Jorge, irmão do poeta, e morre-lhe o pai.

1894 – Morre Jorge. Fernando Pessoa cria seu primeiro heterônimo, Chevalier de Pas.

1895 – Data da primeira poesia conhecida de Fernando Pessoa, a quadra “À minha querida mamã”. A mãe casa-se, por procuração, com o comandante João Miguel Rosa, que era naquele momento cônsul interino em Durban (África do Sul).

1896 – O poeta viaja para a África em companhia de sua mãe, e em Durban frequenta o convento de West Street, onde inicia o aprendizado de inglês e faz a primeira comunhão. Nasce Henriqueta Madalena, primeira filha do segundo casamento da mãe do poeta.

1898 – Nasce Madalena Henriqueta, segunda filha do segundo casamento da mãe do poeta.

1899 – Fernando Pessoa ingressa no High School Form, em Durban. Cria o heterônimo Alexander Search.

1900 – Nascimento de Luís Miguel, terceiro filho do casal Miguel Rosa.

1901 – Fernando Pessoa escreve as primeiras poesias em inglês. Presta exame para a Cape School High Examination e é aprovado com distinção. Morre sua irmã, Madalena Henriqueta. A família parte em viagem de férias para Portugal.

1902 – Nascimento, em Lisboa, de João, quarto filho do casal Miguel Rosa. Fernando Pessoa viaja com a família para a Ilha Terceira dos Açores, para resolver assuntos ligados à herança da avó materna. Escreve a poesia “Quando ela passa”. Em junho regressam a Durban, onde Fernando Pessoa matricula-se na Commercial School.

1903 – Escreve um ensaio em inglês no exame de admissão para a Universidade do Cabo da Boa Esperança e recebe o prêmio Queen Victoria Memorial Prize por esse trabalho.

1904 – Lê Milton, Byron, Shelley, Keats, Tennyson e Poe. Produz poesia e prosa em inglês. Nasce Maria Clara, quinta filha do casal Miguel Rosa. Surgem os heterônimos Charles Robert Anon e H.M.F. Lecher. Faz a Intermediate Examination em Artes, da Universidade do Cabo. Publica no jornal do liceu o ensaio crítico intitulado "Macaulay".

1905 – Viaja sozinho e definitivamente para Lisboa, onde vai residir com a avó Dionísia e duas tias. Prossegue a produção de poesia e prosa em inglês. Lê Baudelaire e Cesário Verde.

1906 – Com a ida da família Miguel Rosa para Lisboa, em temporada de férias, passa a residir com eles. Matricula-se no curso superior de letras de Lisboa. Morre-lhe a irmã Maria Clara.

1907 – Abandona o curso de letras e volta a morar com as tias, em consequência da volta da mãe, do padrasto e das irmãs para a África. Monta uma tipografia em Lisboa, com o dinheiro deixado por herança de sua avó Dionísia, falecida em agosto daquele ano. O negócio não vinga. Recusa propostas de trabalho por interferirem na liberdade de tempo para a construção de sua obra literária.

1908 – Emprega-se como correspondente estrangeiro em firmas comerciais e passa a morar sozinho. Registra nessa época influências de Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Cesário Verde,

António Nobre, Almeida Garrett e António Correia de Oliveira. Escreve as primeiras páginas do *Fausto*.

1910 – Sob influência dos simbolistas franceses escreve poesia e prosa em português, inglês e francês. Publica-se no Porto a revista *A Águia*. É o ano da Proclamação da República de Portugal.

1911 – Traduz para o português os poetas de uma antologia de autores universais a convite do coordenador da obra, o inglês Killoge.

1912 – Surge no Porto o movimento Renascença Portuguesa, do qual a revista *A Águia* torna-se órgão comunicador. Nela, Pessoa tem seu primeiro artigo publicado, "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada". Em seguida, publica um segundo artigo, "Reincidindo". Os artigos suscitam polêmica, instalada sobretudo no jornal *República*. Nasce o heterônimo Ricardo Reis. Fernando Pessoa inicia correspondência com o poeta Mário de Sá-Carneiro, que se matriculara na Sorbonne, em Paris.

1913 – Ano de intensa produção. Escreve o poema dramático "O marinheiro" e publica artigos de crítica na revista *Teatro*. Trava conhecimento com o pintor Almada Negreiros, sobre cuja obra de caricaturista publica um artigo em *A Águia*. Recebe de Paris as poesias de Mário de Sá-Carneiro do livro *Dispersão*, cuja produção gráfica acompanha, sendo inclusive seu revisor de provas.

1914 – Mário de Sá-Carneiro chega a Lisboa. No dia 8 de março surge o heterônimo Alberto Caeiro, que escreve os poemas de *O*

guardador de rebanhos. Escreve a "Ode Triunfal", atribuída a Álvaro de Campos. Escreve também a primeira poesia atribuída a Ricardo Reis. Considera esse o período áureo de sua maturidade literária, conforme declaração feita em carta a Mário de Sá-Carneiro. Muda-se para a casa da tia Anica, com quem passa a residir. Primeiras reuniões na Cervejaria Jansen, de onde sairá a revista *Orpheu*. Com a viagem da tia Anica para a Suíça, encontra-se novamente desalojado e passa a viver temporariamente na Leiteria Alentejana. Fase depressiva. Escreve pedaços do *Livro do desassossego*, de Bernardo Soares.

1915 – Escreve em inglês o poema "Antinous". Publica-se o primeiro número de *Orpheu*, que irrita a crítica e o público por sua posição avançada. Os diretores são Luis de Montalvor e Ronald de Carvalho. Colaboram Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, José de Almada Negreiros, Armando Cortes Rodrigues e os próprios diretores. Passa a colaborar em *O Jornal*, de Boavida Portugal, e publica artigos ainda em *A Galera*, de Coimbra, e em *A Capital*. Sai em junho o segundo número de *Orpheu*, sob a direção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, sendo editor Antonio Ferro. O jornal *A Capital* publica artigo irônico contra o grupo de *Orpheu*. Álvaro de Campos revida com uma carta que termina com alusão irreverente ao desastre sofrido pelo político dr. Afonso Costa. Descontentes com a atitude, Alfredo Pedro Guisado e Antonio Ferro desligam-se de *Orpheu*. Sá-Carneiro e Almada também repudiam a atitude de Álvaro de Campos. Mário de Sá-Carneiro volta para Paris e comunica por carta a Fernando Pessoa que, por motivos econômicos, fica suspenso o projeto do terceiro número de *Orpheu*. Em novembro, possível "morte" de Alberto Caeiro.

1916 – Sá-Carneiro suicida-se em Paris. Fernando Pessoa pensa em estabelecer-se como astrólogo em Lisboa. Colabora no primeiro número da revista *Exílio*.

1917 – Publica-se o único número da revista *Portugal Futurista*, com poesias de Fernando Pessoa. Realiza-se no Teatro República a conferência futurista de Almada Negreiros. Com Augusto Ferreira Gomes e o engenheiro Geraldo Coelho de Jesus, Fernando Pessoa abre um escritório de comissões e consignações.

1918 – Fernando Pessoa publica em duas plaquetes do autor (com indicação editorial Monteiro & Co.) os poemas "Antinous" e "35 sonnets", escritos em inglês, o que provoca referências críticas no suplemento literário do *Times* de Londres e no *Glasgow Herald*. Inicia-se em Portugal uma grave crise política.

1919 – Escreve os "Poemas inconjuntos" do heterônimo Alberto Caeiro e, para justificar a cronologia (pois o poeta fictício fora dado como morto em 1915), fixa para esses trabalhos a data, também fictícia, de 1913-1914. Falecimento, em Pretória, de seu padrasto João Miguel Rosa.

1920 – Dona Maria Madalena, mãe do poeta, e os três filhos chegam a Lisboa, acompanhando o corpo de João Miguel Rosa. O poeta passa a viver em companhia da mãe e dos irmãos. Fernando Pessoa dedica-se à ensaística política. No final do ano passa por uma grande depressão e pensa em internar-se num hospital. Em março daquele ano trava conhecimento com Ophélia Queiroz, com quem inicia uma relação sentimental, interrompida em novembro.

1921 – Publica os *English poems* I, II e III, pela editora Olisipo.

1922 – No primeiro número da revista *Contemporânea*, dirigida por José Pacheco, Fernando Pessoa publica "O banqueiro anarquista". Pela sua editora Olisipo publica a segunda edição das canções de Antonio Boto, sobre cuja obra publicaria o ensaio "Antonio Boto é o ideal estético em Portugal", no número 3 da revista *Contemporânea*. Esse ensaio provoca reação de Álvaro Maia, que no número 4 de *Contemporânea* revida com o artigo intitulado "Literatura de Sodoma".

1923 – A publicação do livro *Sodoma divinizada*, de Raul Leal, pela editora Olisipo, provoca uma reação moralizadora, representada pela fundação da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa. A liga publica, no número 9 de *Contemporânea*, um manifesto contra a chamada "literatura de Sodoma". O manifesto gera respostas e contestações. Fernando Pessoa assina documento de protesto dos intelectuais portugueses contra atitudes censórias, tendo como referência a censura oficial ao *Mar Alto*, de Antonio Ferro. É publicado *Motivos de Beleza*, de Antonio Boto, com nota introdutória de Fernando Pessoa.

1924 – É lançado o primeiro número da revista *Athena*, dirigida por Fernando Pessoa e pelo pintor Rui Vaz. Nesse número inaugural é publicado o ensaio "Apontamentos para uma estética não aristotélica", de Álvaro de Campos.

1925 – Falece dona Maria Madalena. Com o lançamento de seu quinto número, a revista *Athena* encerra sua publicação. Fernando

Pessoa é personagem do livro *A invasão dos judeus*, de Mário Saa.

1926 – Fernando Pessoa e seu cunhado, Francisco Caetano Dias, fundam a *Revista do Comércio e Contabilidade* e requerem patente de invenção de um anuário indicador sintético por nomes e outras quaisquer classificações, consultável em qualquer língua. Continua a colaborar para a revista *Contemporânea*. Publica no *Jornal do Comércio e da Colônia* resposta a um inquérito de caráter político, no momento em que se instaura, por meio de um golpe militar, o período ditatorial em Portugal.

1927 – Na recém-fundada revista *Presença*, José Régio faz a primeira referência crítica da nova geração ao "mestre" Fernando Pessoa, que começa a colaborar para o periódico.

1928 – Publica, assinado, um manifesto político na revista *Núcleo de Ação Nacional*, que deveria ter saído anônimo. Funda, com José Pacheco, Mário Saa, Antonio Boto, entre outros, a Solução Editora.

1929 – João Gaspar Simões publica o primeiro estudo crítico sobre a poesia de Fernando Pessoa. Organiza para a Solução Editora a *Antologia de poetas portugueses modernos*. Projeta instalar-se nos arredores de Lisboa, com a devida tranquilidade, para consumar uma obra definitiva.

1930 – Depois de corresponder-se com Aleister Crowley, o mago inglês vai a Lisboa visitar Fernando Pessoa e desaparece misteriosamente na Boca do Inferno, em Cascais. O jornal *Notícias*

Ilustrado publica depoimento de Fernando Pessoa sobre o incidente. Período de grande produção dos heterônimos.

1931 – Fernando Pessoa faz publicar em *Presença* o "Hino a Pã", de Aleister Crowley. Teoriza em carta a João Gaspar Simões suas ideias antifreudianas quanto à ficção em literatura.

1932 – Requer lugar de conservador bibliográfico do Museu Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, em Cascais. Não é atendido.

1933 – Passa por uma crise séria de depressão e neurastenia. Por outro lado, é intensa sua atividade literária. Prepara os originais de *Os indícios de ouro*, de Mário de Sá-Carneiro, e escreve um estudo sobre Antonio Boto.

1934 – Publica o livro de poemas *Mensagem*, com o qual concorre ao Prêmio Antero de Quental e recebe o segundo lugar.

1935 – Escreve uma carta a Adolfo Casais Monteiro na qual explica a gênese dos heterônimos. Reage, em artigo publicado no *Diário de Lisboa*, contra uma proposta de lei visando à abolição das sociedades secretas, especialmente a maçonaria. Faz planos de ir à Inglaterra visitar o irmão Luís Miguel. No dia 29 de novembro é internado no Hospital de São Luís dos Franceses. Morre no dia seguinte, às 20h30.

Editoras responsáveis
Janaína Senna
Maria Cristina Antonio Jeronimo

Produção
Adriana Torres
Ana Carla Sousa

Produção editorial
Frederico Hartje

Revisão
Ângelo Lessa

Diagramação
Trio Studio

Coordenação
André Seffrin

Produção de ebook
S2 Books

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br